

---

*Nota:*

*Recorte do Jornal Correio Popular*

*Matéria publicada na edição de 02 de julho de 1958*

*Autor: Alberto Amendola Heinzl*

---

# notas sobre a ii exposição de arte contemporânea

2/7/1958

alberto amendola heinzl

a simples realização dessa mostra de arte, tomando-se a coisa como movimento em si, não como expressão do, evidencia duas coisas: a cidade conta com um grupo de artistas lúcidos, preocupados seriamente com uma pesquisa formal e de significado, capazes de representar realmente, com a obra feita, os degraus e patamares dessa busca, orientada no sentido de fazer arte atual e atuante — e essa tentativa, em que pese a opinião dos apontadores de discos-voadores, encontra, se não aplauso (q é o q menos interessa), ao menos receptividade, na aceção reação-pronta de um público indisfarçavelmente farto de uma pseudo-arte convencional que tem dado a campinas ares de província do império.

os expositores, em seu maior número, fazem parte do grupo vanguarda que — posto de lado o projeto de feitura de uma revista própria — divulgarão trabalhos e idéias através do jornal do centro de ciências, letras e artes, cujo primeiro número deverá circular ainda este mês.

temos nessa mostra uma afirmação concreta de um dos principais pontos de apóio do grupo — predicado essencial do artista: fazer e fazer e fazer. aglutinação possível com os departamentos-laboratórios experimentais do centro de ciências. arte-hoje, consentânea com o atual estado evolutivo da civilização.

principalmente porque é chegado o momento de comprovar com experiências palpáveis que a cidade comporta um grupo dessa natureza, não como terra-da-arte, cidade-adjetivo — mas como campo, lugar mais ou menos propício, sensível a uma renovação cultural tendente a igualar seu progresso artístico com seu progresso material. para isso é necessário que se unam os que, em verdade, podem, sabem fazer alguma coisa, para que não aconteça que seus trabalhos permaneçam inertes, desconhecidos (trabalhos, não nomes) em benefício da sobrevivência do mito dos artistas-só-nome, dos gênios honoris-causa, dos prolixos e vazios cinábrios, que por vezes nos tem feito pensar se esta não seria uma cidade mitológica onde alguma fada rosabela-verde, condoida do extenso peçário, tivesse distribuído às cegas seus encantamentos.

a ii exposição de arte contemporânea, pela qualidade dos trabalhos apresentados, autoriza plenamente a união dos artistas expositores

num grupo-denominador-comum: ação conscientemente dirigida para a frente problemas estéticos, de significado e mesmo técnicos, supre — pelo menos em parte a carência de uma crítica especializada (não oito ou oitenta) e cria um ambiente onde todos, se não falam a mesma língua, dispõem pelo menos de um esperanto suficiente para a comunicação, fator cuja relevância para



uma definição dos rumos da arte nunca é demais ressaltar.

as três telas de geraldo décourt obedecem à linha colorido-funcional. composição abstrata, predomínio da cor, como elemento decorativo. décourt, teórico de sua arte, pinta para que suas telas possam satisfazer as exigências da decoração moderna, como focos de atenção, de luz, de colorido.

maria helena motta paes forma abstrata — interpenetração de massas e de cores — penetrações tristes, paredes rasgadas e perene — o tema é transfigurado através de uma névoa, névoa, a impressão se transmite tocada de emoções/acidentes, série de contrapontos dissonantes de um mesmo tema, às vezes deliberadamente dilacerados, mensagem propositalmente oculta — ou — quem sabe — por demais evidente.

thomaz perina, dois estudos surrealistas — cor como elemento catalítico — surrealismo da cor — elementos estéticos em subordinação a essa pesquisa — surrealismo, porém ordenado para uma finalidade previamente concebida e/ou estudada. equilíbrio de conteúdo — fidelidade da obra a si própria.

Zink

hermes de bernardi — casa triste, a tenda, tarde melancólica, paisagista. pinta com modêlo, sem escrúpulos de alterar o objeto de acôrdo com suas necessidades estéticas e/ou de expressão. impressionismo melancólico as telas transmitem solidão, colorido calmo, procura, no terreno estético de uma submissão das formas a um ideal poético-pictórico-individual.

gerald de souza — busca da soma dos instantes através dos vitrais — natureza morta, árvores, paisagem, as massas coloridas procuram uma síntese das diferentes incidências de luz e/ou de emoção sobre o objeto — o próprio objeto, elemento, em si, secundário na realização, sofre esse processo de reiluminação.

francisco blojone — síntese de contornos — figura reduzida a seus detalhes essenciais — quase esquemático — equilíbrio como elemento estético válido. pintura i e ii, paisagem — luz-côr = fatores de transmissão.

mário bueno — natureza morta (2), natureza morta

com figura — transfiguração do objeto segundo e/ou através de um estado psicológico — procura representar as variações do valor estético de objetos quotidianos pela identidade-/semelhança dessas variações, uma comunicação pictórica-poética aspirando a uma simplicidade expressiva.

eduardo belgrado — máquinas — engrenagens — assumindo forma orgânica-sentido de mensagem não disfarçado pela rudeza biológica dos temas. temática às vezes violenta 'oleosa, mortal, sub-reptícia'. além da gravitação, atração, nascimento, — as máquinas compõe uma dimensão de pesadelo trazido para um plano às vezes físico, passional, às vezes metafísico.

raul porto — concretista — desenhos-equações propostas e/ou resolvidas, procura de um mínimo múltiplo comum — arte consciente em todos os sentidos — os desenhos expostos obedecem a uma linha segura, perfeita coordenação entre a intenção e o trabalho feito.

franco sacchi — espírito petrificado, embrião, conclusão as pedras cujas formas exercem poderosa atração sobre o espírito do pintor, se organizam em formas quase humanas, como se êle hesitasse em dar o toque final para manter a dimensão onírica em que constrói suas telas. pesquisa estética constante — procura de um gênese dentro da própria obra.